

Adolescência e Comportamento Autolesivo: Uma Revisão da Literatura Nacional

Adolescence and Self-injurious Behavior: A Review of National Literature

La Adolescencia y el Comportamiento Autolesivo: Una Revisión de la Literatura Nacional

*Laura de Souza Colau(1); Talitta Pereira(2); Juliana Vieira Almeida Silva(3);
Ana Paula Sesti Becker(4); Jamir Sardá Junior(5)*

1 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil.

E-mail: laura.colau@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8861-6314>

2 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil.

E-mail: talittapereira@hotmail.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1419-4622>

3 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil.

E-mail: julianavas@univali.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5008-5896>

4 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), SC, Brasil.

E-mail: anapaulabecker.psicologia@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9278-437X>

5 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil.

E-mail: jamirsarda@hotmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9580-8288>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 14, n. 1, p. 176-196, janeiro-junho, 2022 - ISSN 2175-5027

[Submetido: maio 13, 2021; Aceito: outubro 5, 2021 ; Publicado: agosto 10, 2022]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4537>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Ludgleydson Fernandes de Araújo

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

A adolescência pode corresponder ao período de maior vulnerabilidade ao desenvolvimento, cujas crises de comportamento autolesivo sem intenção suicida, seja emergente em situações adversas. Para tanto, este estudo teve como objetivo geral analisar a produção científica nacional sobre autolesão não suicida, automutilação e adolescentes. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, cujas bases de dados nacionais foram o SciELO, LILACS e PePSIC. As estratégias de busca foram “Autolesão não suicida OR automutilação AND adolescência OR adolescentes AND terapia Cognitivo-Comportamental OR psicoterapia”. Consideraram-se os estudos somente na língua portuguesa, entre 2009 a 2020. Após a definição dos critérios de inclusão e refinamento, foram retidos onze estudos, os quais foram analisados pelos aspectos metodológicos e temáticos. Os resultados demonstraram que, embora as pesquisas nacionais encontradas nos últimos dez anos, tenham abarcado como temática principal, adolescentes que apresentassem comportamentos autolesivos, nenhum estudo que sugerisse estratégias de enfrentamento e de cunho psicoterapêutico, dentre os trabalhos analisados, foi encontrado. Considera-se a importância no avanço de pesquisas que privilegiem não somente o impacto do transtorno para esta população, mas que apontem estratégias e recursos psicoterapêuticos, além de medidas protetivas que promovam o seu enfrentamento e oportunizem desfechos positivos no manejo com a problemática.

Palavras-chave: Autolesão não suicida, automutilação, adolescência, terapia cognitivo-comportamental, psicoterapia.

Abstract

Adolescence may correspond to the period of greatest vulnerability to development, whose crises of self-injurious behavior without suicidal intent, are emerging in adverse situations. To this end, this study aimed to analyze the national scientific production on non-suicidal self-harm, self-mutilation and adolescents. An integrative literature review was carried out, whose national databases were SciELO, LILACS and PePSIC. The search strategies were “Non-suicidal self-harm OR self-mutilation AND adolescence OR adolescents AND Cognitive-Behavioral therapy OR psychotherapy”. Studies only in Portuguese were considered, between 2009 and 2020. After defining the inclusion and refinement criteria, eleven studies were retained, which were analyzed for methodological and thematic aspects. The results showed that, although the national researches found in the last ten years, covered adolescents with self-injurious behaviors as the main theme, no study that suggested coping strategies and psychotherapeutic nature, among the analyzed studies, was found. Consideration is given to the importance of advancing research that privileges not only the impact of the disorder on this population, but that points to psychotherapeutic strategies and resources, in addition to protective measures that promote their coping and provide positive outcomes in dealing with the problem.

Keywords: Non-suicidal self-injury, self-mutilation, adolescence, cognitive behavioral therapy, psychotherapy.

Resumen

La adolescencia puede corresponder al período de mayor vulnerabilidad al desarrollo, cuyas crisis de comportamiento autolesivo sin intención suicida, están emergiendo en situaciones adversas. Para ello, este estudio tuvo como objetivo analizar la producción científica nacional sobre autolesiones no suicidas, autolesiones y adolescentes. Se realizó una revisión integradora de la literatura, cuyas bases de datos nacionales fueron SciELO, LILACS y PePSIC. Las estrategias de búsqueda fueron “Autolesiones no suicidas O automutilación Y adolescencia O

adolescentes Y Terapia cognitivo-conductual O psicoterapia”. Se consideraron estudios solo en portugués, entre 2009 y 2020. Después de definir los criterios de inclusión y perfeccionamiento, se retuvieron once estudios, que fueron analizados en aspectos metodológicos y temáticos. Los resultados mostraron que, si bien las investigaciones nacionales encontradas en los últimos diez años abarcaron a los adolescentes con conductas autolesivas como tema principal, no se encontró ningún estudio que sugiriera estrategias de afrontamiento y naturaleza psicoterapéutica, entre los estudios analizados. Se considera la importancia de avanzar en investigaciones que privilegien no solo el impacto del trastorno en esta población, sino que apunten a estrategias y recursos psicoterapéuticos, además de medidas de protección que promuevan su afrontamiento y brinden resultados positivos en el abordaje del problema.

Palabras clave: Autolesión no suicida, automutilación, adolescencia terapia cognitivo-conductual, psicoterapia.

Introdução

O ato de agredir o próprio corpo intencionalmente, mas sem o objetivo de suicídio, é nomeado de Autolesão não suicida, pelo Manual Diagnóstico e Estatísticos Mentais – DSM-5 (American Psychiatric Association[APA], 2014). Apesar de estar comumente associada a comportamentos obsessivos compulsivos e outros transtornos, como por exemplo, o Transtorno de Personalidade Borderline e o Transtorno Bipolar, a autolesão sem intenção suicida ficou sob observação para ser tratada como um transtorno independente, classificado pelo DSM-5. Apresenta como critérios diagnósticos, o engajamento do indivíduo em comportamentos autolesivos, com a finalidade de obter alívio de um estado de sentimento ou de pensamentos disfuncionais, resolver uma dificuldade interpessoal e proporcionar um estado de sentimento positivo. Costuma estar associado a sentimentos ou pensamentos negativos, tais como depressão, ansiedade, tensão, raiva, angústia generalizada ou autocrítica, ocorrendo durante o período antecessor ao ato de se autolesionar (APA, 2014).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) integra a autolesão no contexto da violência autoinfligida, correspondente ao uso intencional de força física real ou de ameaça contra si próprio. Os tipos de violência autoinfligida são: tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação, autopunição e autolesão (Brasil, 2016).

O comportamento autolesivo apresenta uma crescente evidência no campo científico nos últimos tempos, com sua maior prevalência em adolescentes e jovens do sexo feminino, com a idade de 15 anos (Trinco & Santos, 2017). Dados internacionais revelam que aproximadamente 10% dos adolescentes já experimentaram, no mínimo, um episódio de autolesão ao longo da sua vida (Guerreiro, 2014).

Considerando que as tarefas desenvolvimentais da adolescência como a busca de referenciais para a construção da identidade, o processo de autonomia e a individuação, se caracterizam como estressores esperados nessa fase do ciclo vital (McGoldrick & Shibusawa, 2016), demais fatores podem potencializar a vivência dessa etapa gerando impactos prejudiciais ao jovem e ao seu relacionamento familiar, tais como: padrões transgeracionais disfuncionais de afetividade, abuso de álcool e substâncias químicas, violência intrafamiliar, condição financeira desfavorável, entre outros (Wendt, Costa, Poletto, Borges, Dell'agio, & Koller, 2019; Roberts, English, Thompson, & White, 2018).

Dentre os fatores de vulnerabilidade na adolescência para a ideação suicida ou comportamentos autolesivos, Ulbrich, Oselame, Oliveira e Neves (2017) apontam a severidade de problemas familiares, sofrimento, raiva e frustração nessa fase da vida, solidão e ausência dos pais ou principais cuidadores, bem como a influência negativa de amigos que fazem uso de álcool e drogas. Fortes e Macedo (2017) também complementam que as perdas precoces de um ente querido ou as rupturas no relacionamento afetivo, tais como o término de um namoro, podem ser considerados

fatores de risco para adolescentes com recursos insuficientes internos, no manejo de frustrações e situações adversas. Tais fatores podem desencadear crises de desequilíbrio emocional, cuja prática de “escape” para lidar com as frustrações e ansiedades, seja o comportamento de automutilação.

Em relação às possibilidades de intervenção no campo psicoterapêutico, destinadas à problemática e ao público referido, salientam-se que os recursos clínicos adotados devem acompanhar a fase vital em que se encontram, logo, o uso de brinquedos e do próprio brincar, perdem o sentido nesse momento, já que são característicos da infância. Por outro lado, o uso exclusivo dos relatos orais pode não ser o bastante para a efetividade da psicoterapia, tornando-se um desafio constante a expressão de sentimentos e emoções somente por meio das palavras (Loli, Abrão, Parre, & Tardivo, 2013). É sob este contexto que os autores mencionam uma ferramenta alternativa, com o intuito de propiciar ao adolescente condições de se expressar espontaneamente no processo terapêutico através do jogo lúdico entre o psicoterapeuta e o jovem paciente.

Destaca-se a potencialidade do jogo terapêutico como estratégia de sensibilização na coleta de informações de adolescentes, sendo essas essenciais para a efetividade da terapia. As atividades lúdicas, além de se constituírem uma fonte de prazer e descontração ao adolescente envolvido, apresentam uma forma de traduzir mais facilmente o seu contexto histórico, social e subjetivo, o que contribui significativamente para a compreensão de seus problemas e demandas (Yonekura & Soares, 2010). Para Loli et al. (2013), o jogo serve ainda, como um mediador frente às questões abordadas pelo psicoterapeuta, nesse sentido, o adolescente pode manifestar a expressão de suas ideias e sentimentos, de modo indireto e simbólico.

Com base nas discussões levantadas, este estudo apresenta como objetivo geral analisar a produção científica nacional sobre autolesão não suicida, automutilação e adolescentes. O posicionamento epistemológico que norteia esse estudo está respaldado pela Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), a fim de refletir sobre a intervenção psicoterapêutica de adolescentes que apresentam comportamentos autolesivos. Tal escolha teórica e metodológica desta abordagem pautou-se sob a experiência clínica dos autores, tendo em vista o interesse na revisão de literatura científica, acerca da temática.

Método

Procedimentos

Para identificar o estado da arte mais recente da temática abordada, utilizou-se o método de revisão de literatura do tipo integrativa, que segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) corresponde à uma técnica metodológica abrangente, a qual permite a

inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão integral do fenômeno investigado. As etapas para a elaboração do estudo, foram baseadas no modelo de Becker e Crepaldi (2019), sendo: (1) Definição dos descritores e bases de dados para a revisão integrativa; (2) levantamento da produção científica em bancos de dados por meio de descritores preestabelecidos; (3) leitura dos títulos e dos resumos vinculados aos objetivos do estudo; (4) seleção dos artigos focados na temática, na íntegra; e, por fim, (5) categorização metodológica e de conteúdo das produções.

Coleta de Dados

Tendo em vista que a revisão integrativa proposta contemplou somente estudos nacionais e/ou publicados no Brasil, foram consultadas as bases de dados SciELO, LILACS e PePSIC, sendo estas de acesso livre. Salienta-se que o acesso às bases de dados ocorreu pela Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi). A escolha pelos descritores pautou-se pela seção de terminologia em Psicologia da BVS-Psi (DeCs), cujos resultados tiveram a seguinte combinação de estratégias de busca: “Autolesão não suicida OR automutilação AND adolescência OR adolescentes AND terapia Cognitivo-Comportamental OR psicoterapia”. Os critérios de inclusão adotados foram: pesquisas empíricas e/ou revisões de literatura, nacionais e de língua portuguesa; entre o período de 2009 a 2020. Por outro lado, foram excluídos todos os tipos de estudo em formato de livros, capítulo de livro, estudos teóricos; bem como, produções que não abordassem diretamente à temática referida e que estivessem fora do período de busca delimitado.

Após a definição dos descritores e o levantamento nas bases de dados, conforme o modelo do PRISMA, emergiu um total de 31 artigos indexados (Figura 1). Após o primeiro refinamento, com base nos critérios de inclusão, foram excluídos quatro trabalhos que estavam fora do escopo da temática, resultando em 27 trabalhos, cujas produções foram lidas na íntegra e exportadas para o software organizador de referências *Mendeley*. Destes, 16 foram excluídos por não abordarem diretamente o tema proposto. Cabe salientar que os artigos excluídos, por não se adequarem ao escopo da temática, tratavam de estudos acerca dos impactos da violência doméstica na saúde pública, automutilação em pessoas adultas e crianças, automutilação e suicídio.

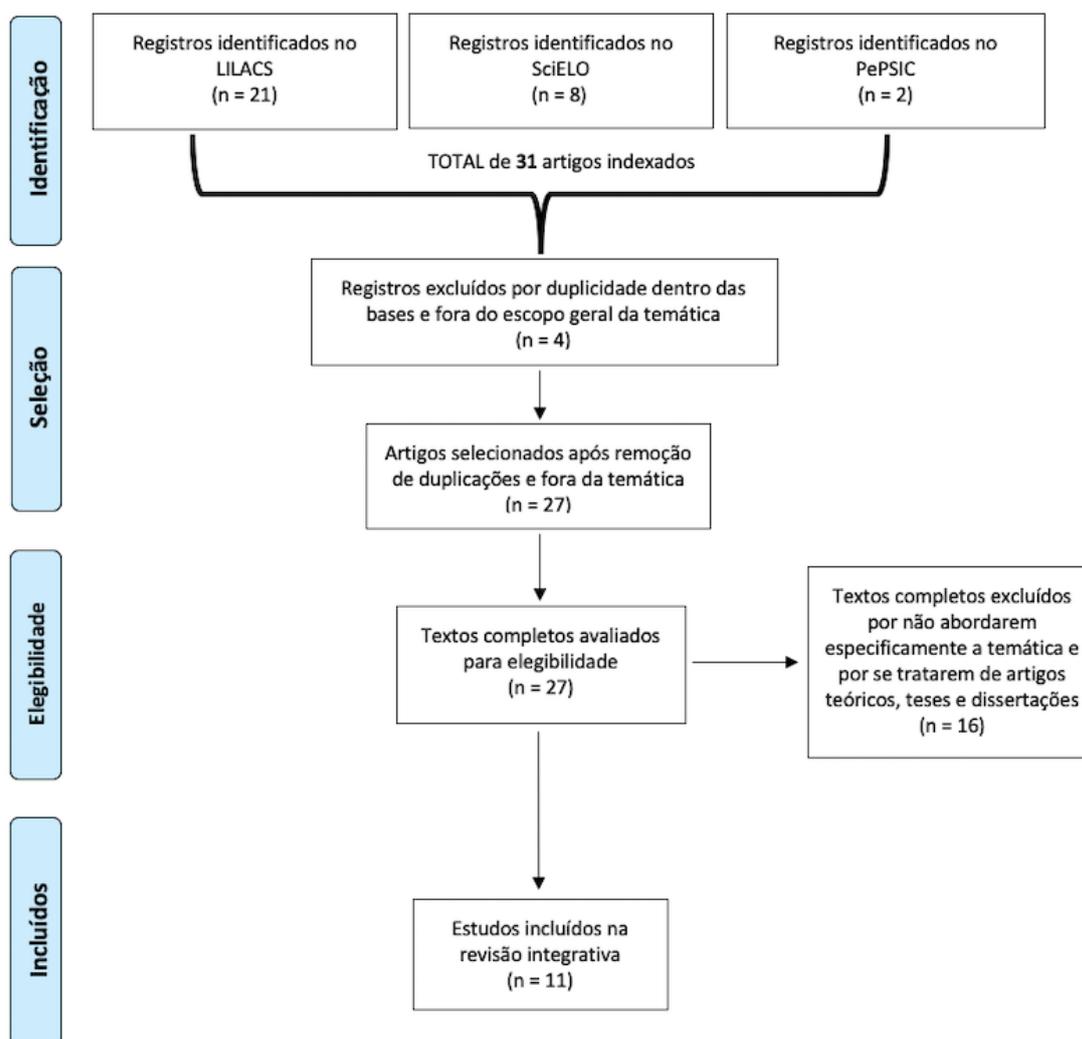


Figura 1. Fluxograma PRISMA – etapas da revisão integrativa, elaborado pelos autores.

Análise de Dados

Por fim, foram retidos 11 estudos científicos, os quais foram lidos e analisados na íntegra, conforme os critérios de inclusão e os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Do montante final dos trabalhos analisados, derivaram-se as seguintes categorias temáticas: a) Significados atribuídos ao comportamento autolesivo; b) Fatores de risco e de proteção ao comportamento autolesivo; e c) Impacto do comportamento autolesivo na dimensão neurobiológica.

Resultados

Os 11 estudos elegíveis desta revisão, corresponderam a seguinte ordem de análise dos dados: primeiramente, buscou-se apresentar a caracterização dos aspectos metodológicos presentes e, na sequência, exibir os principais resultados das categorias temáticas, mencionadas previamente.

A Tabela 1 mostra que os estudos obtiveram maior publicação nos últimos cinco anos (n=8), enquanto somente um referiu-se ao ano de 2013, sendo unânime o tipo de estudo transversal dentre as pesquisas empíricas. O tipo de método adotado foi variado entre as abordagens quanti e qualitativas, além das revisões de literatura que também exibiram resultados semelhantes quanto a este quesito (Moreira et al., 2020; Silva & Botti, 2017; Silva, Silva, & Enumo, 2017). Sobressaíram-se, ainda, pesquisas do tipo documental, cujas coletas de dados contemplaram plataformas e grupos de redes sociais comumente difundidas entre o público juvenil (Otto & Santos, 2016; Silva & Botti, 2018), bem como prontuários de atendimento especializado à saúde mental (Leilão et al., 2020).

Vale ressaltar que a amostra prevalente, em todos os estudos, reportou-se ao público adolescente, haja vista que este foi um dos critérios temáticos estabelecidos para os estudos documentais ou de revisão de literatura. No que se refere aos instrumentos e técnicas, evidenciou-se a realização de grupos focais (Gabriel et al., 2020; Moraes et al., 2020), a aplicação da Escala de Comportamento de Autolesão (ECA) conforme a adaptação de Giusti (2013); além de instrumentos que aferissem traços de ansiedade, depressão e impulsividade (Tabela 1).

Quanto à análise de dados, dentre os estudos de método quantitativo, emergiram técnicas de estatística inferencial, tais como correlações e regressão logística, além da estatística descritiva (Pierobon et al., 2013; Garreto et al., 2015; Fonseca et al., 2018; Leilão et al., 2020). Por sua vez, os estudos qualitativos apresentaram análises temáticas categoriais e, também, Análise do Discurso (Silva & Botti, 2017; Silva et al., 2017; Otto & Santos, 2016; Silva & Botti, 2018; Gabriel et al., 2020; Moraes et al., 2020; Moreira et al., 2020) (Tabela 1).

Tabela 1. Aspectos metodológicos dos estudos selecionados sobre o comportamento autolesivo na adolescência

Autores/data	Tipo de pesquisa (transversal/ longitudinal)	Método	Amostra	Técnicas/ Instrumentos	Análise de dados
Estudo I: Pierobon, Barack, Hazrati e Jacobsen, 2013	Transversal	Quantitativo	1.512 adolescentes argentinos que tinham entre 13 e 15 anos de idade	- Protocolo GSHS patrocinado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)	Análise estatística descritiva e inferencial (regressão logística)
Estudo II: Garreto, 2015	Transversal	Quantitativo	66 participantes adultos, com no mínimo, quatro anos de escolaridade formal	- Entrevista semiestruturada diagnóstica; - Escala de comportamento de autolesão; - Escala de Impulsividade de Barrat (BIS – 11); - Inventário de Beck	Análise estatística descritiva e inferencial (correlações)
Estudo III: Otto e Santos, 2016	Transversal	Qualitativo	Usuários adolescentes da plataforma blogging Tumblr que apresentassem características de automutilação	Pesquisa Documental	Análise do Discurso
Estudo IV: Silva e Botti, 2017	NA* (Não se aplica)	Qualitativo	Sujeitos em toda fase do ciclo vital que apresentam comportamento autolesivos	Revisão de literatura sistemática	Análise metodológica e categorial temática
Estudo V: Silva, Silva e Enumo, 2017	NA* (Não se aplica)	Qualitativo	Adolescentes sob influência dos níveis de cortisol	Revisão de literatura sistemática	Análise metodológica e categorial temática
Estudo VI: Silva e Botti, 2018	Transversal	Qualitativo	103 postagens textuais e imagéticas de um grupo sobre mutilação no Facebook	Pesquisa Documental	Análise categorial temática de Bardin

Autores/data	Tipo de pesquisa (transversal/ longitudinal)	Método	Amostra	Técnicas/ Instrumentos	Análise de dados
Estudo VII: Fonseca, Silva & Botti, 2018	Transversal	Quantitativo	517 adolescentes de 10 a 14 anos que apresentassem características de automutilação	- Escala de comportamento de autolesão	Análise estatística descritiva
Estudo VIII: Gabriel, Costa, Campeiz, Salim, Silva & Carlos, 2020	Transversal	Qualitativo	15 professores do ensino fundamental e médio e cinco profissionais da saúde da Unidade de Saúde da Família (USF)	Grupo focal e diário de campo	Análise temática indutiva
Estudo IX: Leitão, Dias, Tristão, Ronchi & Avellar, 2020	NA* (Não se aplica)	Quantitativo	Crianças e adolescentes que receberam algum tipo de atendimento no espaço físico do CAPSi, entre setembro de 2016 e setembro de 2017	Pontuários eletrônicos dos usuários atendidos no período de tempo estipulado	Análise estatística descritiva
Estudo X: Moraes et al., 2020.	Transversal	Qualitativo	Sete adolescentes, usuários de um CAPSi no estado de Goiás (GO)	Grupo focal e prontuários	Análise de conteúdo Temático Categorial
Estudo XI: Moreira, Vale, Caixeta & Teixeira, 2020	NA* (Não se aplica)	Qualitativo	71 artigos que tratam acerca da automutilação em adolescentes	Revisão de literatura integrativa	Análise de conteúdo Temático Categorial

O periódico que apresentou duplicação de publicações na temática, dentro do período estipulado, foi a Psicologia Revista São Paulo (n=2) (Tabela 2). As áreas sobressalentes dos periódicos de Psicologia, derivaram-se de conteúdos gerais com ênfase em temáticas abrangentes, tais como saúde mental, adolescência e políticas públicas de saúde. As demais publicações selecionadas corresponderam ao campo multidisciplinar das ciências da saúde, especialmente da Enfermagem (n=3), seguido da Saúde Coletiva (n=2) e da Medicina (n=1).

Tabela 2. Periódicos que mais publicaram sobre a temática (n=8)

Ordem	Periódico	Frequência (n)
1.	Psicologia Revista São Paulo	2
2.	Psicologia USP	1
3.	Jornal de Pediatria	1
4.	Ciência e Saúde Coletiva	1
5.	Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas (SMAD)	1
6.	Revista Brasileira de Enfermagem	1
7.	Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem	1
8.	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental	1

A seguir, são apresentados os principais resultados oriundos das três categorias temáticas, provenientes da análise de conteúdo categorial: a) Significados atribuídos ao comportamento autolesivo; b) Fatores de risco e de proteção ao comportamento autolesivo; e c) Impacto do comportamento autolesivo na dimensão neurobiológica.

a) Significados atribuídos ao comportamento autolesivo

Esta categoria incluiu as percepções dos profissionais da educação e da saúde acerca da autolesão não suicida em adolescentes, com base nas reflexões do **estudo VIII** (Gabriel et al., 2020). Para tanto, trata-se de um estudo qualitativo com a participação de 20 profissionais de uma escola e de uma Unidade de Saúde da Família, no estado de São Paulo. Foram realizados dois grupos focais, impulsionados pelas seguintes questões: O que você entende sobre autolesão? Como cuidar da autolesão na adolescência? O que pode ser feito além das ações já realizadas? Os participantes foram convidados previamente durante reunião de equipe na saúde, e na escola por meio de reunião de planejamento pedagógico.

Os principais resultados deste estudo residiram na banalização do comportamento autolesivo para os profissionais, na medida em que validaram a crença do efeito contágio, em que os adolescentes reproduzem o ato realizado por pares,

como se fosse uma “tendência”, ou “moda juvenil” a fim de chamar atenção. Além disso, conceberam a adolescência como um período de transição e a autolesão como um fenômeno passageiro. Os achados evidenciaram que ambos os profissionais, não se sentiam preparados para o manejo de tais ocorrências e alegaram não receberem formação específica acerca da saúde mental. Discutiu-se as concepções de adolescência, cuidado emocional, possíveis motivos para o comportamento autolesivo e a falta de intervenção necessária no contexto educacional e da saúde.

b) Fatores de risco e de proteção ao comportamento autolesivo

A presente categoria visou discutir os fatores de risco e proteção mencionados pelos participantes frente ao comportamento autolesivo de adolescentes. Desse modo, evidenciaram-se três subtemáticas principais: *Características gerais do comportamento autolesivo juvenil; Fatores de risco; e Fatores de proteção.*

No que se refere à caracterização geral do comportamento autolesivo juvenil, os **estudos VII e IX** foram congruentes ao encontrarem padrões de gênero semelhantes à prática de automutilação no público adolescente, verificando-se a maior predominância e frequência da autolesão entre as participantes do sexo feminino. Ademais, outras contribuições importantes foram encontradas no **estudo VII** - de Fonseca, Silva e Botti (2018), cujo objetivo foi avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes. Para tanto, 517 jovens entre 10 e 14 anos responderam a Escala de Comportamento de Autolesão (ECA). Os resultados demonstraram que dentre os 517 adolescentes, 9,48% (49) dos participantes tiveram comportamentos autolesivos no último ano, tendo repetido essa prática, entre cinco ou mais vezes. Além disso, observou-se que a autolesão entre os adolescentes, na sua maioria, não apresenta intenção suicida (61,22%) e não foram realizadas sob o efeito de substâncias químicas (97,96%). A maioria dos adolescentes referiu sentir dor na prática de autolesão (69,39%). Dentre os principais motivos para essa prática, referidos pelos participantes, estiveram presentes o alívio de sensações de vazio ou indiferença e cessar sentimentos ou sensações ruins, conforme também apontado no **estudo X** – proposto por Moraes et al. (2020).

Em relação aos fatores de risco para o comportamento autolesivo, os estudos **I, III, IV, X e XI**, foram concordantes ao identificarem os seguintes fatores de risco, presentes no público juvenil com a prática de automutilação: aspectos de adversidade familiar, tais como violência verbal, física e negligência; conflitos familiares; fatores de contágio social: nesse quesito discutiu-se a influência da mídia e de pares que funcionam como “modelos” para a reprodução da prática autolesiva; também foram apontados os eventos estressores do ciclo vital não-normativos, como situações traumáticas: perdas de figuras significativas, bullying e violência sexual. Por fim, os autores também mencionaram que as características pessoais dos adolescentes praticantes de autolesão, tornam-se

elementos centrais na compreensão do fenômeno e que não podem ser omitidos, como: a ansiedade, quadros depressivos, comorbidades de modo geral, isolamento social, ideação suicida, orientação sexual, temperamento, entre outros.

A fim de aprofundar os motivos que contribuem para o comportamento autolesivo, um fator relevante levantado pelo **estudo I** de Pierobon, Barack e Jacobsen (2013), reside na análise da associação entre o uso de álcool e a manifestação da violência numa amostra de jovens argentinos. Constatou-se que adolescentes sob o efeito de álcool demonstraram estar quase duas vezes mais propensos, a pensamentos sobre violência autoinfligida do que aqueles que não bebem. A autolesão, assim como o consumo de álcool, nesta fase juvenil, pode ser considerada como uma espécie de fuga no enfrentamento de situações difíceis que potencializam o sofrimento.

Oportuniza-se, ainda, destacar demais fatores de risco apresentados nos **estudos IV e XII**, os quais referiram-se à revisão de literatura do tipo integrativa. Ambas as revisões contemplaram estudos internacionais, com intervalos de tempo entre 1996 e 2014 (Silva & Botti, 2017) e 2012 e 2017 (Moreira et al., 2020). O **estudo IV**, de Silva e Botti (2017), buscou identificar os fatores associados ao comportamento autolesivo deliberado no ciclo vital, cujos resultados indicaram que os transtornos de conduta, de personalidade Borderline, sintomas psicóticos, quadros de ansiedade e depressão, consumo de álcool e outras drogas, preocupações com a orientação sexual, níveis de impulsividade e baixa autoestima, bem como história familiar pregressa de comportamento autoagressivo, constituíram-se fatores de risco significativos para a autolesão.

Além de tais fatores, a revisão de literatura proposta no **estudo XII** (Moreira et al., 2020), complementou que a baixa qualidade do relacionamento materno-filial, termos de relacionamentos, dificuldade de resolução de conflitos interpessoais, não possuir identidade religiosa ou espiritual, também podem se caracterizar fatores predisponentes para o comportamento de automutilação. Não obstante, um aspecto também mencionado nesta revisão e no **estudo IX** (Leitão et al., 2020), refere-se ao contágio social; e, para tanto, as mídias sociais e virtuais foram citadas como corresponsáveis neste processo ao se apresentarem como influenciadoras na propagação desse tipo de prática auto-agressiva, especialmente entre o público adolescente. Como exemplo, o **estudo III**, de Otto e Santos (2016), também encontrou resultados semelhantes: com base no método documental, utilizaram-se da análise discursiva para compreender se a utilização da plataforma *blogging Tumblr* possuía influência na disseminação do conteúdo e prática da autolesão entre adolescentes. Verificou-se, portanto, que as funções e o impacto que as redes sociais ocupam na vida dos jovens, no panorama atual, constituíam-se um fator de risco potencial por meio das postagens exibicionistas e tendenciosas à automutilação de adolescentes encontradas.

Se por um lado as mídias sociais caracterizaram-se fatores de risco para a amostra de participantes das pesquisas anteriores, os **estudos VI e XII** também identificaram

resultados positivos, classificando-as como fatores de proteção à autolesão. Nesse sentido, a pesquisa documental de Silva e Botti (2018) – **estudo VI**, exemplificou que um grupo virtual de jovens do Facebook, constituiu-se como fonte de apoio entre adolescentes que também praticavam comportamentos semelhantes. Por conseguinte, ações de cooperação, identificação e apoio mútuo entre os participantes foram discutidas.

c) Impacto do comportamento autolesivo na dimensão neurobiológica

Por fim, a última categoria apresentou como finalidade identificar, dentre os artigos analisados, o impacto do comportamento autolesivo na dimensão neurobiológica. Questões que relacionam o comportamento autolesivo ao desempenho das funções cognitivas, bem como os níveis hormonais vinculados, foram abordadas.

O **estudo II** de Garreto (2015) teve como objetivo investigar o desempenho executivo de pacientes que apresentassem automutilação e comparar a capacidade de resolução de problemas em pacientes com automutilação com um grupo controle. Desse modo, identificou-se que adultos com comportamento autolesivo apresentaram resultados inferiores quando comparados ao grupo controle, a respeito da capacidade de resolução de problemas, flexibilidade mental, controle inibitório, planejamento e tomada de decisão. Por conseguinte, as pessoas que iniciam o comportamento de automutilação na adolescência e persistem até a idade adulta, na tentativa de enfrentamento às situações adversas, demonstraram maior imaturidade cognitiva. Outro dado relevante encontrado é que um dos motivos recorrentes, pelos quais as pessoas se autolesionam, seria a necessidade de cessar os sentimentos negativos, como acontece no quadro diagnóstico do Transtorno Obsessivo-Compulsivo, por exemplo.

Já a revisão de literatura sistemática, proposta por Silva, Silva e Enumo (2017) – **estudo V**, exibiu como finalidade buscar evidências sobre a presença de controle do ciclo circadiano e os níveis de cortisol na adolescência, contribuindo para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e resiliência do adolescente, uma vez que este hormônio influencia o impacto da violência no desenvolvimento e está atrelado aos riscos de suicídio e automutilação. Discute-se que o cortisol, também é conhecido como o hormônio do estresse. Isso porque, quando estressado, o indivíduo costuma liberar uma quantidade acima do normal no organismo, resultando em uma série de consequências indesejadas que podem ser prejudiciais ao funcionamento psicológico e biológico, como um todo. Todavia, os achados desta revisão sistemática, apresenta resposta branda quanto ao impacto do cortisol para o estresse psicossocial agudo, em meninas adolescentes entre a idade de 14 e 18 anos com comportamento autolesivo, não sendo observadas diferenças significativas para a frequência cardíaca e as respostas emocionais.

Discussão

Em relação aos aspectos metodológicos, observa-se que o predomínio de pesquisas transversais se torna bastante presente no panorama nacional dentro das ciências humanas, tendo em vista o grande porte e custo elevado da implementação de métodos diversos de pesquisa, bem como estudos interculturais e de delineamento longitudinal (Araujo, 2016). Entretanto, seria interessante e de notável relevância, investigar a evolução e os desdobramentos do comportamento autolesivos no decorrer do ciclo vital; nesse sentido, Hochman, Nahas, Oliveira Filho e Ferreira (2005) são concordantes ao destacar que as pesquisas longitudinais apresentam grandes contribuições para o avanço do conhecimento decorrente da tentativa de acompanhar as mudanças ocorridas do fenômeno ao longo do tempo.

Além disso, se faz necessário apontar que a integração de métodos múltiplos na investigação de fenômenos psicológicos, podem conferir uma perspectiva mais ampla e profunda dos dados, assim como maior teorização, exploração e diversidade dos achados (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013), o que não ficou evidente na revisão realizada; uma vez que os achados adotaram, ora o enfoque qualitativo, ora o enfoque quantitativo, não se tendo observado a verificação de algum estudo misto sobre a automutilação na adolescência.

Para fins de coleta de dados e intervenção, desde o processo psicodiagnóstico, terapêutico e, ainda, o de implementação em estudos empíricos, acerca da temática prevista, os instrumentos e técnicas mais recorrentes foram a entrevista semiestruturada, grupos focais e escalas/inventários que mensuram e classificam diretamente o transtorno, bem como instrumentos que caracterizam comorbidades, tais como ansiedade e depressão, dentre sintomas correlatos (Pierobon et al., 2013; Fonseca et al., 2018; Garreto, 2015). Observou-se que nenhum estudo encontrado na revisão integrativa, sugeriu estratégias de enfrentamento e de cunho psicoterapêutico, dentre os estudos analisados.

Conforme Colau e Pereira (2019) sugere-se a prática lúdica no ambiente terapêutico e, como exemplo, citam o jogo intitulado “cartas terapêuticas: perguntas para adolescentes com comportamento autolesivo”, o qual foi elaborado enquanto um instrumento para fins psicoterapêuticos, podendo ser utilizado pelo psicólogo, no manejo das práticas de automutilação. Yonekura e Soares (2010) salientam que o jogo lúdico pode se tornar uma ferramenta importante de interação entre psicoterapeuta e adolescente, pois proporciona um recurso espontâneo e simbólico, pelo qual se pode acessar sentimentos e aprofundar o diálogo no processo psicoterapêutico. As perguntas, em formas de cartas, apresentam uma estratégia de sensibilização na coleta de informações do adolescente, o que contribui significativamente para a compreensão de seus problemas e demandas, o que traz subsídios para a efetividade da psicoterapia (Colau & Pereira, 2019).

Conforme a literatura especializada (Plener, Allroggen, Kapusta, Brähler, Fegert, & Groschwitz, 2016; Giust, 2013), identifica-se a prevalência de que as crises de comportamento autolesivo sejam mais frequentes no período da adolescência. Tais justificativas correspondem ao período de maior vulnerabilidade e de uma tendência à passagem ao ato como forma de representação de conflitos e um mecanismo alternativo e disfuncional de enfrentamento (Fonseca et al., 2018). Demais autores (Plener et al., 2016; Fonseca et al., 2018) sustentam que na fase adulta, essas práticas autolesivas são menos incidentes, já que as habilidades de regulação emocional, a resignificação de eventos adversos ou ainda, a subnotificação de casos seja mais recorrente.

Além disso, Brown e Plener (2017) coadunam-se aos autores supracitados ao relatarem que, em estatísticas internacionais, o comportamento autolesivo é mais disseminado na fase da adolescência, cujos índices da violência auto-infligida pode chegar a 60% dos casos. Em vista disto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2016, divulgou um manual acerca de práticas de monitoração para tentativas de suicídio e autolesão, o que reforça a necessidade de compreensão, desenvolvimento de estratégias de cuidado nos diferentes espaços de atenção à saúde para o enfrentamento da problemática (Gabriel et al., 2020).

Todavia, o que chama a atenção nos estudos encontrados é a escassez de práticas relacionadas à prevenção, bem como medidas de tratamento e/ou estratégias de manejo por parte dos profissionais da saúde relatadas. Considerando que vários artigos retidos eram provenientes da área de Enfermagem ou multidisciplinar, pouco se discutiu a problemática em termos de enfrentamento ao comportamento autolesivo. Tal reflexão também foi abordada por Moreira et al. (2020). Dessa forma, propõe-se um olhar ampliado e interdisciplinar para melhor acolhimento a este tipo de demanda, bem como ações de promoção e prevenção à saúde mental, direcionados ao público juvenil. Dentro da área psicológica, evidencia-se um campo bastante emergente e fundamental para o acolhimento de demandas desta natureza, tendo em vista que o sofrimento psíquico e a saúde mental, constituem-se focos prementes de intervenção do psicólogo (Santos, 2019).

Sob tal panorama situam-se as práticas psicoterapêuticas, cuja abordagem Cognitiva Comportamental oportuniza estratégias de enfrentamento e intervenções adequadas, as quais têm se mostrado eficazes para o tratamento psicológico de quadros obsessivos-compulsivos, transtornos fóbicos e comportamentos de automutilação (Vieira, 2019; Moura, 2018). Do ponto de vista epistemológico da Terapia Cognitivo-Comportamental, sugere-se que o psicoterapeuta se utilize de técnicas como a reversão de hábitos e a psicoeducação, visando ampliar o repertório de respostas do paciente. Para Friedberg e McClure (2019) a psicoeducação visa aumentar o repertório de habilidades do paciente, cuja tônica seja compartilhar informações estruturadas e didáticas sobre o transtorno do paciente e seu tratamento, auxiliando-o no enfrentamento de situações cotidianas quando as crises de autolesão se mantêm em

alerta. Já a técnica de reversão de hábitos trata-se de um procedimento comportamental no qual se busca substituir um comportamento nocivo por outro inofensivo.

Consiste em estabelecer os critérios daquilo que contribui para a ocorrência desse comportamento, o que o torna desagradável ou prejudicial. Pacientes com histórico de comportamentos compulsivos, como é o caso da autolesão não suicida, podem se beneficiar essa técnica psicoterapêutica (Friedberg, McClure, & Garcia, 2011).

Com base nos fatores de risco e de proteção, é fundamental situar o fenômeno, nos quais o jovem se encontra. Estudos antecessores (Andrews, Martin, Hasking, & Page, 2014; Moraes et al., 2020) também reforçaram a importância do suporte familiar e dos serviços de saúde mental adequados para o acolhimento e cuidado dessa demanda. Em vista de tais ocorrências, as redes virtuais devem oportunizar o diálogo entre jovens, familiares e tutores, a fim de adotar essa ferramenta para um encaminhamento positivo no enfrentamento às práticas autolesivas, o que também foi mencionado no estudo de Silva e Botti (2018), ao invés de funcionarem como mantenedores de fatores de risco. Cabe ainda destacar, que as ações preventivas à saúde mental, e, mais precisamente ao combate do suicídio e da autolesão, são temáticas fundamentais para serem difundidas não somente nos serviços de saúde pública, mas no âmbito educacional e familiar dos adolescentes.

Considerações finais

A autolesão em adolescentes tem deixado marcas gravemente expostas, no corpo e na mente, de jovens e de seus familiares. Além disso, o fenômeno tem ganhado maior visibilidade nas últimas décadas, especialmente entre o público feminino. Por conseguinte, este estudo teve como objetivo geral analisar a produção científica nacional sobre autolesão não suicida, automutilação e adolescentes.

Apesar de as pesquisas nacionais encontradas nos últimos dez anos, terem abarcado como temática principal, adolescentes que apresentassem comportamentos autolesivos, nenhum estudo que sugerisse estratégias de enfrentamento e de cunho psicoterapêutico, dentre os trabalhos analisados, foi encontrado. Sugere-se, portanto, o avanço de pesquisas que privilegiem não somente o impacto do transtorno para esta população, mas que apontem estratégias e recursos psicoterapêuticos, além de medidas protetivas que promovam o seu enfrentamento e oportunizem desfechos positivos no manejo com a problemática.

Recomenda-se, ainda, diferentes estratégias metodológicas para o delineamento de futuras revisões de literatura nessa área. Isto, porque as limitações de caracterização deste modelo de revisão, de abrangência nacional e do período estabelecido, podem ser aperfeiçoadas e obterem maior amplitude crítica para sua relevância científica e social, posteriormente. Para tanto, sugere-se a inclusão de bancos de dados internacionais,

além de estender os idiomas definidos e o intervalo de tempo para os últimos 10 anos, haja vista a especificidade do tema.

Por fim, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) se propõe como uma abordagem teórica e psicoterapêutica importante, capaz de lançar alicerces sólidos e eficazes para a prevenção e tratamento de pessoas que apresentam comportamentos autolesivos, especialmente adolescentes; tendo em vista, algumas técnicas mencionadas como a de psicoeducação e a de reversão de hábitos, dentre outras ferramentas práticas e teóricas que podem subsidiar psicólogos, e pacientes com automutilação sem intenção suicida.

Referências

- American Psychiatric Association [APA] (2014). *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: ARTMED.
- Andrews, T., Martin, G., Hasking, P., & Page, A. (2014). Predictors of onset for non-suicidal self-injury within a school-based sample of adolescents. *Prevent Sci*, 15(6):850-59. doi: <https://doi.org/10.1007/s11121-013-0412-8>
- Araujo, M. L. D. (2016). Alterações antropométricas e metabólicas: um estudo longitudinal em adolescentes do sexo feminino de Recife/PE. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 238-260. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43016>
- Brasil. Ministério da Saúde (2016). *Vigilância de violência interpessoal e autoprovocada (VIVA/SINAN)*. Brasília, DF.
- Brown, R. C., & Plener, P. L. (2017). Non-suicidal Self-Injury in Adolescence. *Curr. Psychiatry Rep*, 19(3):1-20. doi: <https://doi.org/10.1007/s11920-017-0767-9>
- Colau, L. C., & Pereira, T. O jogo lúdico na intervenção psicoterapêutica de adolescentes com comportamentos autolesivos. (Trabalho de Iniciação Científica). Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, Brasil.
- Fonseca, P. H. N., Silva, A. C., Araújo, L. M. C., & Botti, N. C. L. (2018). Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 246-258. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017
- Fortes, I., & Macedo, M. M. K. (2017). Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. *Psicogente*, Barranquilla, 20(38) 353-367. doi: <https://doi.org/10.17081/psico.20.38.2556>
- Friedberg, R. D., McClure, J. M., & Garcia, J. H. (2011). Intervenções comportamentais. In Friedberg, R. D., McClure, J. M., & Garcia, J. H. *Técnicas de terapia cognitiva para crianças e adolescentes: ferramentas para aprimorar a prática*. (pp. 89-128). Porto Alegre: Artmed.
- Friedberg, R. D., & McClure, J. M. (2019). *A prática clínica da terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Gabriel, I. M., Costa, L. C. R., Campeiz, A. B., Salim, N. R., Silva, M. A. I., & Carlos, D. M. (2020). Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. *Escola Anna Nery*, 24(4), 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0050>
- Garreto, A. K. R. (2015). *O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação*. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Giusti, J. S. (2013). *Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo*. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - USP, São Paulo.
- Guerreiro, D. F. (2014). *Comportamentos autolesivos em adolescentes: características epidemiológicas e análise de fatores psicopatológicos, temperamento afetivo e estratégias de coping*. (Tese doutorado). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Hochman, B., Nahas, F. X., Oliveira Filho, R. S. de, & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de pesquisa. *Acta Cirurgica Brasileira*, 20(2), 2-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>
- Jaffe. L. (2011). Games are multidimensional in educational situations. In: Bradshaw, M. K., & Lowenstein, A. J. *Innovative teaching strategies in nursing and related health professions* (pp.175-87). Boston: Jones and Bartlett Publishers.
- Leitão, I. B., Dias, A. B., Tristão, K. G., Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2020). Dez anos de um CAPSi: comparação da caracterização de usuários atendidos. *Psicologia USP*, 31, 1-14. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190011>
- Loli, A. M. S., Abrão, J. L. F., Parre, R. R., & Tardivo, L. S. P. C. (2013). O Jogo como mediador na entrevista: um novo lugar no processo psicoterápico com adolescentes. *Boletim de Academia Paulista*, 33(85), 405-426. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200013
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo de vida familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (pp. 375-398). Porto Alegre: Artmed.
- Moraes, D. X., et al. (2020). “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(Suppl. 1), 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>
- Moreira, E. S., Vale, R. R. M., Caixeta, C. C., & Teixeira, R. A. G. (2020). Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(10), 3945-3954. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.31362018>
- Moura, I. M. et al. (2018). A terapia cognitivo-comportamental no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 9(1), 423-441.
- Otto, S. C., & Santos, K. A. (2016). O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. *Psicologia Revista*, 25(2), 265-288. Retrieved from <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24537>
- Pasquali, L. (1998). *Princípios de elaboração de escalas psicológicas*. Acessado em 10 de julho de 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/275033230/Pasquali-Principios-de-Elaboracao-de-Escalas-Psicologicas>
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pierobon, M., Barak, M., Hazrati, S., & Jacobsen, K. H. (2013) Consumo de álcool e violência entre adolescentes argentinos. *Journal Pediatric*. Porto Alegre, 89(1), 100-107. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jpdp.2012.08.011>

- Plener, P. L., Allroggen, M., Kapusta, N. D., Brähler, E., Fegert, J. M., & Groschwitz, R. C. (2016). The prevalence of Nonsuicidal Self-Injury (NSSI) in a representative sample of the German population. *BMC Psychiatry*, 16, 353. doi: <https://doi.org/10.1186/s12888-016-1060-x>
- Roberts, Y. H., English, D., Thompson, R., & White, C. R. (2018). The impact of childhood stressful life events on health and behavior in at-risk youth. *Children and Youth Services Review*, 85, 117-126. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.11.029>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5ª Ed. Porto Alegre: Penso.
- Santos, C. V. M. (2019). Sofrimento psíquico e risco de suicídio: diálogo sobre saúde mental na universidade. *Revista do NUFEN*, 11(2), 149-160. doi: <https://doi.org/10.26823>
- Silva, A. C., & Botti, N. C. L. (2018). Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog*, 14(4), 203-210. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000355>
- Silva, A. M. B., Silva, M. L. B., & Enumo, S. R. F. (2017). Relações entre o hormônio cortisol e comportamentos de adolescentes: Uma revisão sistemática. *Psicologia Revista*, 26(2), 337-362. doi: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i2p.337-362>
- Silva, A.C., & Botti, N. C. L. (2017). Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 18(1), 67-76. doi: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0194>
- Souza, M.T., Silva, M.D., & Carvalho R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Rev Einstein*. 1(8), 102-106. doi: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- Trinco, M. E., & Santos, J. C. (2017). O adolescente com comportamento autolesivo sem intenção suicida no internamento do serviço de urgência de um hospital pediátrico da região centro. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* [online]. 5(1), 63-68. doi: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0169>
- Ulbrich, G.D.S., Oselarne, G.B., Oliveira, E.M., & Neves, E.B. (2017) Motivadores da ideação suicida e a autoagressão em adolescentes. *Adolescência e Saúde*, 14(2), 40-46. Retrieved from <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v14n2a05.pdf>
- Vieira, J. K. A. L. (2019). *Automutilação em adolescentes: tratamento na abordagem Cognitivo-Comportamental*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, Brasil.
- Wendt, G. W., Costa, A. B., Poletto, M., Borges, V. C., DellÁglio, D. D., & Koller, S. H. (2019). Stressful events, life satisfaction, and positive and negative affect in youth at risk. *Children and Youth Services Review*, 102, 34-41. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.04.028>
- Yonekura, T., & Soares, C. B. (2010). O jogo educativo como estratégia de sensibilização para coleta de dados com adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(5), 1-7. Retrieved from <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4246>